

Notas

1. Faustino, D., Lippold, W. (2023). *Colonialismo digital: Por uma crítica hacker-fanoniana*. Boitempo.
2. Silva, T. (2021). Racismo algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em diálogo. Em Silva, T. (Org.), *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos* (2ª ed., pp. 127-145). LiteraRUA.
3. Hui, Y. (2020). *Tecnodiversidade*. Ubu.
4. Fanon, F. (2005). *Os condenados da Terra*. Editora UFJF.
5. Cfr. Noble, S. U. (2018). *Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism*. NYU Press e Silva, T., op. cit.
6. Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. n-1.
7. Cfr. Hui, Y., op. cit.
8. No Brasil, pensadoras e pensadores como Abdias do Nascimento, Alberto Guerreiro Ramos, Beatriz Nascimento, Clovis Moura, Lélia González ou Sueli Carneiro. No Caribe, intelectuais como Aimé Césaire, Frantz Fanon e Édouard Glissant (Martinica), C.R.L. James (Trinidad e Tobago), Sylvia Winter e Stuart Hall (Jamaica), Walter Rodney (Guiana) ou Ochy Curiel (República Dominicana). Na América do Norte, ativistas e intelectuais como Angela Davis, Audre Lorde, Gloria Anzaldúa e bell hooks (Estados Unidos). No continente africano, pensadores e líderes de movimentos de libertação como Kwame Nkrumah (Gana), Amílcar Cabral (Cabo Verde e Guiné-Bissau), Thomas Sankara (Burkina Faso), Steve Biko (África do Sul) e intelectuais como Ngũgĩ wa Thiong'o (Quênia), Chinua Achebe e Wole Soyinka (Nigéria), Ernest Wamba-dia-Wamba (Congo).
9. Intelectuais como Ailton Krenak (Brasil) e Silvia Rivera Cusicanqui (Bolívia), entre outros.
10. Intelectuais como Aníbal Quijano (Peru), Nelson Mandonado-Torres (Porto Rico), Enrique Dussel, Walter Mignolo e María Lugones (Argentina).
11. Cfr. Malm, A. (2024). *A destruição da Palestina é a destruição do planeta*. Elefante.